

ALGUMAS REFLEXÕES

ACERCA DE «O DELFIM»

A CAPITAL 15-I-69

Cardoso Pires «desmoroçou-se» em *O Delfim*? A frieza da narração, o esquematismo mecânico, a ausência de emoção, de calor, que assinalam um itinerário demorada e inintencionalmente trilhado, terá induzido muito leitor válido em que tal processo se constituiu em matéria que por força há-de desabonar o autor. Opinião de que não compartilho, pois me parece manter-se José Cardoso Pires, apesar de brincar com o tempo como jamais o terá feito em transe algum, consideravelmente perto daquilo que sempre foi. Isto é: não creio que *O Delfim* esteja mais carente de dinamismo do que *O Hóspede de Job*, nem que a cadência estilística seja mais breve em *O Anjo Ancoado* do que neste romance erigido em epitáfio tragicómico aos códigos machistas do último dos Palma Bravo. Acrescente-se que Cardoso Pires retomou agora na sua ficção um tema caro ao neo-realismo desde *Uma Abelha na Chuva* e *Casa na Duna*, de Carlos de Oliveira, a Bar-

optou Cardoso Pires por este último caminho.

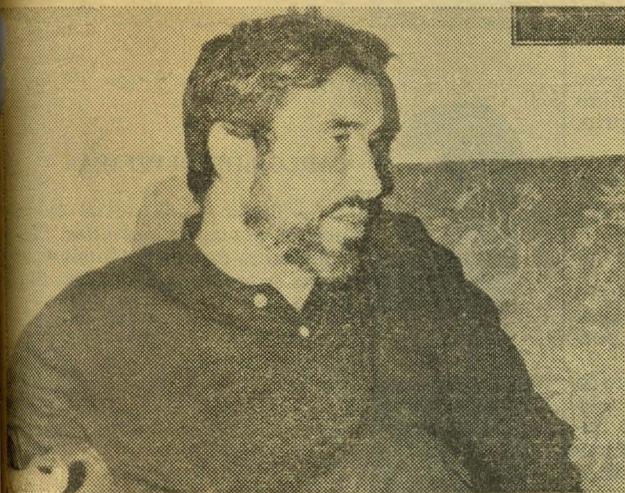
De resto, todo um conjunto de dados intencionalmente distribuídos pelo livro apela para a contemporaneidade e localiza a época durante a qual o conflito se desenrola. O velocíssimo *Jaguar*, as *boutiques* de Cascais, certas alusões a jornais diários e à qualidade de programas da TV são pormenores (entre muitos outros) por vezes aparentemente desajustados, que retardam a acção sem justificação imediata, mas que ajudam a situar essa mesma acção numa época determinada e que portanto não comparam na história por acaso. Estão lá visando um estilo de vida cerimonioso, prudente, com as suas pequenas, inofensivas opções, os seus desvios encobertos por uma capa de falsa suficiência, o lado impressionante de um espanto rude, autoritário, que exige a admiração e a humildade alheias para se sentir premiado. Estão lá para ajudarem o leitor a concluir que Tomás

mória do escritor, este no mesmo instante os converteria em literatura. Cardoso Pires ladeia tal prestidigitação, já que na sua técnica nada existe de impressionista. Em contrapartida, faz concessões ao *mistério*. Ao *mistério* e suas *nuances*. Ou, para utilizar um lugar-comum de terceira classe: ao *suspense*. Recordem-se as palavras do Velho-dum Só Dente: «Assim mesmo. A dona Mercês matou o criado e o Infante matou-a a ela. Nem mais.» (Pág. 29). Apoiada numa afirmação irresponsável, a hipótese de crime parte das primeiras páginas e viaja, incólume, até às últimas, sem que entretanto a sentença do Velho chegue a obter confirmação ou desmentido. Nesse meio tempo aconteceu que o germe da dúvida se desenvolveu no espírito do leitor em proporções que não devem ser minimizadas, razão por que penso não ter José Cardoso Pires desejado a dessincronização total do tempo, antes condicionando o método acronológico a certas premissas de literatura policial (de boa literatura policial) quando se trata, por exemplo, de adiar neste testemunho frio, implacável, preciso, os lances verdadeiramente decisivos que vão detonar em força na página trezentos e quarenta e um. A maneira dos mestres de literatura policial (ou policiária, como queria Pessoa) foi o escritor deixando aqui um acontecimento quase inerte «...no tempo do Engenheiro nunca ia a menos de noventa», ali, uma pequena cilada, que é como quem diz, um ponto para reflexão «Agora é dele que depende a licença de caça, não é de Tomás Manuel» e num ou noutro passo uma imagem *descuidada* como esta: «Quem é que alguma vez sonharia poder ficar com a lagoa?», etapas de um laborioso trabalho de falsa camuflagem por cuja via se chega aos mitos desfeitos e às lendas estilhaçadas — legado espectacular do orgulhoso Engenheiro às gentes da Lagoa! — e que outrossim vai sedimentando, numa lógica de vários gumes a *ausência* de Tomás Manuel. O modo como se chega ao conhecimento exacto dos motivos que levaram Palma Bravo a desaparecer constitui um valioso exercício estilístico accionado por um presente intemporal

gam a passar despercebidos na marginalidade em que a prepotência do protagonista os coloca. A casa da Lagoa, de resto, vive dominada por essa forma ignominiosa de policiamento patriarcal própria aos

pequenos ditadores do género do Infante, e o véu de penumbra, não muito espesso, apesar de tudo, que a prudência manda descer sobre as reacções psicológicas de Maria das Mercês

(Continua na pág. 7)



JOSE CARDOSO PIRES

ranco de Cegos, de Alves Redol, o qual se centra no comportamento daquele a quem por comodidade se designará *o senhor feudal*, dentro das fronteiras onde detém um mandato autenticado pela hereditariedade do sangue que habilita ao exercício de um poder intemporal, mas, como verá, sujeito a descontinuidades. Ao contrário, porém, do de Redol, quiçá num derradeiro esforço de realização artística, empreendeu em *Barranco de Cegos* com a reconstrução mítica da figura de Diogo Relvas (Mário Sacramento em *Há uma Estética Neo-Realista?*: «E não foi outro o motivo por que alguns autores recuaram (como vimos) para o plano da historicidade, transferindo o conflito para os quadros do mundo feudal, pois era muito mais fácil aderir a um tipo de explorador já ultrapassado e dar nele, por forma indirecta, a problemática do presente») o protagonista de *O Delfim* foi arrancado à realidade dos nossos dias e o seu drama pessoal convenientemente datado (Outubro de 1966-Outubro de 1967). Entre perseguir o Redol de *Barranco de Cegos* e levar a inflectir para o actual, como fulcro do romance, a teoria implícita em *Cartilha do Marialva* e no me sobre idêntico assunto proclamizou Roger Vailland,

Manuel pode ter-se cruzado consigo numa estrada, a rolar a duzentos à hora ou num bar nocturno, ou à esquina de qualquer artéria da Baixa lisboeta, ou muito simplesmente nas calçadas da Gafeira. Tomás Manuel é uma personagem viva, na arrogância com que se aproveita da impunidade que lhe vem do destino de ser quem é: proprietário de uma porção de território onde em silêncio lhe está

por JÚLIO CONRADO

a ser preparada a grande armadilha. Ratoeira de que ele, Palma Bravo, só se aperceberá quando já não lhe puder escapar.

O presente intemporal, a que o autor faz alusão no percurso do romance, exprime com alguma (mas não absoluta) fidelidade, embora tudo isto deva ser impugnado a uma engrenagem engenhosamente estruturada *a priori*, o tumulto inspiracional que é frequente instalar-se no artista com a obra por principiar ou mesmo já em pleno curso. Um ritmo mais nervoso, mais especulativo, na progressão da narrativa, conduziria irremediavelmente à indução de que, à medida que os acontecimentos aflorassem à me-

que continuamente se perspectiva num passado e num futuro míticos, mas sem se alienar nunca das precauções a que aludi — arma para estimular a comunicabilidade e para despertar o interesse do maior número.

Um outro aspecto que pretendo focar nestas anotações diz respeito ao papel que a mulher desempenha no romance. Ao invés de responsabilizar Maria das Mercês por uma passividade digna de censuras, prefiro enquadrá-la num contexto que o escritor, com certeza voluntariamente, não estudou até à medula. A atitude de Maria das Mercês insere-se num talentoso aproveitar de recursos (a manha, a mentira, a inteligência) que não che-

cês e do criado é o que há-de tornar mais violento e chocante o despedaçamento de Tomás Manuel.

Aliás, é possível distinguir em «O Delfim» palavras subtis escutadas da boca de Maria das Mercês não absolutamente destituídas de intencionalidade, tal como em dois momentos mais evidentes. No primeiro, o criado Domingos merece-lhe um comentário vagamente admirativo, talvez ainda preconceituoso, a marcar distâncias, mas no qual em todo o caso a similitude de situações oferece já um pretexto de confiança: «Pois olhe, eu acho que basta um tipo ter sido criado numa ilha para ganhar uma maneira de ser especial. Pelo menos precisa de imaginação para suportar aquela pasmaceira.» (Será accidental que o autor compare a Lagoa a um «ilha de água cercada de terra por todos os lados»? Num plano genérico de solidão e isolamento, a analogia tem todo o fundamento.) No segundo, a perturbação visível aclara uma segunda realidade: «O Tomás dera cabo da saúde do moço com as noitadas», e — acrescenta o narrador — «se ela se inquietava não o fazia no ar». Discretamente positiva, Maria das Mercês enjeita a passividade que lhe vi atribuída, obrigando-se a arcar com a responsabilidade da derrocada completa da casa da Lagoa. E por derrocada entenda-se dissolução de valores, o fim de um mito, a condenação do machismo militante trágicamente assinalado na origem pela senilidade de um dos membros do casal (ou de ambos?) e, enfim, a morte de duas pessoas e a decadência física (a decadência ética era já um facto) de uma terceira. Como intervenção passiva, acho exagerado!

Não quero terminar estas considerações sem me referir a uma das personagens (não ao Padre Novo, que, esse, de-

têm a chave do enigma) que operam acessoriamente no conflito: o Velho. O Velho-dum Só Dente, cauteleiro e pregoeiro de profissão, é como boateiro incorrigível que firma os seus créditos. Ao estalar a borrasca, consegue lucros transitórios em especulações cuja sonoridade provoca efeitos psicológicos garantidos. A ponto de fazerem do leitor a primeira vítima. «Crime — pronuncia o dente inquisidor» (pág. 29). «Ih, ih, ih... Maninha como uma mula, ih, ih... Maninha é que ela é» (pág. 137), etc. Com a acção em progresso, o crédito a atribuir às declarações do Velho vai-se dizimando mas devagar. E o próprio narrador quem lhe vai retirando, a pouco e pouco, a confiança, embora só o tenha dispensado quando já não precisava dele para manter certas dúvidas intactas. Confronte-se a influência que o Velho ainda exerce na pág. 186 com a de que desfruta na pág. 328: «Partindo do princípio que é ainda acerca dos crimes da La-

goa que ele está a discursar no café, os forasteiros não-de sentir-se um tanto desmorteados nas voltas e contravoltas do Velho» (186); «Amanhã ao jantar quem vai pôr tudo em pratos limpos é o Padre Novo. Ele é que pode como ninguém —Some-te, Velho — descrever a cara dos empregados da estação de serviço, etc.» (328)

«O Delfim» vai, de certo, fazer correr rios de tinta (ele será, estou certo, objecto da análise objectiva e informada que merece por parte dos nossos mais destacados ensaístas) e enfileirá muito justamente a par das melhores obras de José Cardoso Pires. Não vejo que se possa desviá-lo, sem grandes injustiças, desse honroso destino.

J. C.